

AS SÉRIES HUMANOS URBANOS ENSIMESMADOS: PINTURAS A PARTIR DE FOTOGRAFIAS, FOTOGRAFIAS A PARTIR DO CAMINHAR PELAS RUAS

FLÁVIO MICHELAZZO AMORIM JÚNIOR¹; JOSE LUIZ DE PELLEGRIN

¹UFPel – Artes Visuais Licenciatura – flaviomichelazzo@outlook.com

²UFPel – Centro de Artes – jpell@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Apresento neste um resumo de meu trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais Bacharelado, intitulado HUMANOS URBANOS ENSIMESMADOS – DA FOTOGRAFIA À PINTURA: RETRATOS, tendo tido como orientador o Prof. Dr. Jose Luiz de Pellegrin, no ano de 2015. Pertinentemente ao campo das artes visuais, o trabalho consistiu na reflexão a partir de uma produção artística, que, neste caso em específico, foi realizada na linguagem da pintura. O trabalho se desenvolveu a partir de retratos de pessoas desconhecidas, que foram registrados com uma câmera fotográfica na área urbana das cidades de Pelotas e Rio Grande, e que posteriormente foram transformadas em pintura. Para tanto, foi feita uma pesquisa sobre a temática do Retrato na História da Arte Ocidental até a Contemporaneidade, bem como dos elementos que compõem esta pesquisa: a rua, as questões da pose, o cotidiano e o que leva as pessoas a apresentar um comportamento de introversão em locais públicos, características expressivas que são reforçadas pelo uso do pincel e da cor.

O Retrato como pude observar tanto na pintura quanto na fotografia, é marcado pela pose, que é uma convenção social e pessoal sobre a imagem que o sujeito tem de si (FABRIS, 2004). Minha insatisfação pessoal com o artifício da pose me levou a buscar alternativas para representar, na pintura, o sujeito desrido das armas que utiliza para se metamorfosear na imagem que ficará para a posteridade (BARTHES, 2006). Para isso, vislumbrei a rua como o local para poder me servir da imagem desprevenida do sujeito.

2. METODOLOGIA

Com uma câmera fotográfica nas mãos, me vali do excesso de informações que a rua oferece para olhar sem ser visto, através do olho da câmera. A prática artística de observar o cotidiano das ruas e levá-lo para as artes vem da modernidade, na figura do *flâneur*, sujeito que vai para a rua para observar e representar o cotidiano das então novíssimas organizações municipais da Paris dos anos 1920 (BENJAMIN, 1989).

Bem longe dos anos 1920 e da rua como local de convívio comum, o fotógrafo se torna uma versão armada do *flâneur*, ao registrar, com a câmera, o fluxo desenfreado da cidade (SONTAG, 2004). Sendo assim, utilizei do recurso fotográfico para registrar os passantes que encontro pelas ruas; observo as fotografias que realizei; reenquadrei a imagem através do recurso do *zoom* e selecionei as figuras nas quais enxergo maior expressividade e as levei para a pintura, em um processo que passa pelo desenho, ao tracejar linhas sobre uma folha de acetato e projetá-las sobre a tela; e acabei por dar às figuras individualidade ao pintá-las em telas separadas e reforçando, através das pinceladas e do uso das cores frias, características que noto nas fotos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso das cores frias se deu por notar que a grande maioria das pessoas parece ensimesmada, ou seja, absorta, alheia a qualquer tipo de movimento ao redor, como se estivessem mergulhadas num universo particular, que a pintura me permite evidenciar.

Pintar a partir de fotografias é uma prática que vem da modernidade, e que está presente na contemporaneidade (COELHO; DIEGUES, 2011) como foi possível notar, e fazer relações com artistas como o belga Luc Tuymans (1958 -) e o brasileiro Éder Oliveira (1983 -), com os quais traço semelhanças pelo uso de uma paleta de cores reduzida e pela temática do retrato. Como referência sobre fotografar nas ruas, aponto o estadunidense Philip-Lorca diCorcia (1951 -), que me serviu de referência tanto pelas suas séries de fotografias em diversas ruas do mundo como na série de fotografias nas quais deu um tratamento pictórico aos transeuntes, através da luz.

4. CONCLUSÕES

A partir das leituras de Walter Benjamin e seu conceito sobre a aura contida nas imagens produzidas pelas artes, tente analisar sobre o comportamento presente no homem ao se deslocar pelas ruas, baseado na forma como se dispõe em sociedade, ao observar as fotos, e nos conceitos que Marc Augé nos traz para tratar os lugares e os não lugares. Estas reflexões acerca do trabalho produzido levaram a novos questionamentos sobre a autoimagem do sujeito, já que, em princípio, a saída para as ruas foi uma forma de garantir uma imagem despida de pose, e que, todavia, me fez enxergar outras questões, ao notar o ensimesmamento. Para além das questões da fotografia de obras de arte, Benjamin nos fala sobre a capacidade da câmera fotográfica de captar imagens que fogem de nossa percepção visual. Posso associar esta afirmativa do pensador ao trabalho realizado pela câmera quando a ação nas ruas, ao captar imagens e situações que escapam aos meus olhos, por mais atento que eu esteja ao operar a câmera. Valendo-me, em seguida, do recurso da ampliação da imagem para destacar as figuras que pretendo retratar na pintura.

Fica evidente, segundo Benjamin, a relação que o retrato fotográfico estabeleceu com o observador. As questões de afeto, de perpetuação dos traços fisionômicos de alguém que fez ou faz parte da vida de outrem. Acredito que o retrato dos entes queridos ainda desperte este fascínio saudoso nas pessoas. Ao retratar desconhecidos, acabo traçando com elas um grau de intimidade inexistente, ao tocar suas figuras com o pincel. A fotografia me permitiu conhecer todos os traços do rosto dos passantes.

Observar as fotografias das pessoas nas ruas me levou a concluir que o sujeito, apesar de não se oferecer em pose, se oferece ensimesmado. Talvez isso seja produzido pelo ritmo acelerado que a vida nos impõe, andando rápido, sem guardar tempo para olhar o que está acontecendo ao redor (RAMOS, 2012, 93), fazendo com que as pessoas se ofereçam com expressões frias, indiferentes, que busco reforçar com as cores. Tento reverter esse ritmo acelerado do cotidiano quando pinto as imagens que registro. A fotografia faz vezes de observador, através de minha presença física, operando-a.

Busco, então, a aura da imagem, que Benjamin disse ter sido diluída pelos aparelhos tecnológicos, nessas imagens do cotidiano, neste olhar perdido que o homem apresenta quando circula pelas ruas. As ruas, ou mais especificamente, os calçadões, de Rio Grande ou de Pelotas. O lugar-comum da rua, projetado

para o convívio social na modernidade, se torna, na contemporaneidade, um não lugar, no qual o indivíduo circula apenas para cumprir suas obrigações ou necessidades. Ao me colocar como observador eu penetro neste não lugar (AUGÉ, 1994) para investigar, de maneira voyeurística, o que acontece nas ruas.

A aura da figura do retratado, talvez, hoje, resida na própria autoimagem do sujeito. Com o avanço da tecnologia e a popularização dos *smartphones*, aparelhos de telefonia móvel equipados com câmera fotográfica e filmadora, a imagem fotográfica depende menos da relação entre o fotógrafo e o modelo, e o próprio modelo se tornou seu fotógrafo. O retrato tirado pelo próprio sujeito, chamado de autorretrato dentro da História da Arte, hoje é conhecido como *selfie*, uma fotografia que depende apenas do sujeito e seu braço, e, oportunamente, o espelho, num exercício do mais extremo narcisismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELI, Juliana Corrêa Hermes. **Percursos Urbanos**: Novos Olhares na Arte Contemporânea. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e Crítica de Arte**. Lisboa: Estampa, 1983.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**: Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Nota sobre fotografia. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: O pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BELL, Julian. **Uma Nova História da Arte**. São Paulo: WMF Marins Fontes, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras escolhidas; v. 3).
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica**. 1955. In: Mário Santiago. PDF. Acesso em 2015.
- BERGER, John. **The Sense of Sight**: Writings. Nova Iorque: Vintage Books, 1993.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O Caminhar como Prática Estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COELHO, Frederico; DIEGUES, Isabel (org.). **Pintura Brasileira do Século XXI**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.
- COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (org.). **Escritos de Artistas**: Anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O rosto e a terra**. In: Porto Arte, Porto Alegre, v. 9, nº 16, maio de 1998.
- FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais**: Uma Leitura do Retrato Fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- GIANOTTI, Marco. Breve História da Pintura Contemporânea. São Paulo: Claridade, 2009.
- GROWE, Bernd. **Degas**. Köln, Alemanha: Benedikt Taschen, 2001.
- HOCKNEY, David. **O Conhecimento Secreto**: Redescobrindo as Técnicas Perdidas dos Grandes Mestres. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

- JANSON, Horst Waldemar. **História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAMBERT, Gilles. **Caravaggio**. Köln: Taschen , 2001.
- LARSEN ET. AL, Lars Bang. **Art at the Turn of the Millenium**. Köln: Taschen, 1999.
- LORD, James. **Um Retrato de Giacometti**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular: Uma Teoria da Fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: Uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PEREIRA ET. AL, João Castel Branco. **A Arte do Retrato**: Quotidiano e Circunstância. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- PEREIRA, Orlindo Gouveia. **Vincent Van Gogh**: Palavra e Imagem. Lisboa: Edições Inapa, 1990.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Editora Marca D'Água, 1996.
- RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio**: Conferência de Genebra. Pelotas: Satolep Livros, 2004.
- RAMOS, Matheus Mazini. **A Fotografia e o Tempo**: Possibilidades de pensar o tempo via fotográfico: Ponto e interstício. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2012.
- RENNER, Rolf Günter. **Hopper**. Köln: Benedikt Taschen, 2001.
- SCHNEIDER, Norbert. **A Arte do Retrato**. Köln: Benedikt Taschen, 1997.
- SMEE, Sebastian. **Lucian Freud**. Köln: Benedikt Taschen, 2008.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TASSINARI, Alberto. **O Espaço Moderno**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.